



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

INTERVENÇÃO DE EDUARDO FERRO RODRIGUES,

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

CONFERÊNCIA ERA DIGITAL E ROBÓTICA

PALÁCIO DE SÃO BENTO – 21 FEVEREIRO 2016

Saúdo as várias Comissões Parlamentares envolvidas nesta iniciativa,

Meu Caro Leonel Moura, quero felicita-lo pela sua participação nesta iniciativa e pela exposição que logo se inaugura,

De facto, será difícil encontrar tema mais atual e mais urgente para debater: “Era Digital e Robótica nas Sociedades Contemporâneas”.

Estamos a viver uma nova revolução, a revolução digital, com implicações económicas, políticas e sociais.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

A revolução digital tem sido o motor da intensificação da globalização económicas nestes anos mais recentes. Aproximou culturas e facilitou negócios. A vida das empresas e dos cidadãos está hoje em geral muito mais simplificada.

Ao mesmo tempo, como é típico dos períodos de transição histórica, este processo está a deixar muita gente para trás: os excluídos da era digital.

Temos os mais pobres, os menos qualificados, os mais velhos, que têm dificuldade em lidar com serviços públicos cada vez mais digitais. Vemos isso muito bem no último filme de Ken Loach, “Eu, Daniel Blake”.

Temos os trabalhadores das indústrias tradicionais a verem as suas fábricas deslocalizadas e os seus empregos a desaparecerem ou a serem substituídos por novos empregos, mais precários, sem direitos sociais, não-sindicalizados e pior remunerados.

Pensar que o progresso tecnológico só traz coisas boas é uma ideia ingénua.

É aliás nesse sentido que há quem proponha um imposto sobre a utilização de robôs, cuja receita compense a previsível redução dos descontos associada à redução do emprego disponível.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

Mas também é ingénua a ideia de que travar a mudança é uma opção nesta era da globalização e da interdependência económica. Nada de bom viria daí. Não vamos agora destruir os robôs como no passado faziam os luditas com as máquinas.

A globalização não tem de ser encarada como um fenómeno da natureza. É resultado da ação humana, tem trazido benefícios mas pode e deve ser regulada e gerida de forma a trazer benefícios para um maior número.

E aí penso que, além da regulação, as políticas redistributivas, as políticas fiscais, têm de voltar a ser mobilizadas, porventura a uma escala supranacional.

Há um grande debate a fazer na União Europeia sobre harmonização fiscal e combate às desigualdades. Thomas Piketty tem sido aqui uma referência intelectual muito estimulante.

A estagnação salarial e social da classe média ocidental não é sustentável por muito mais tempo. Os sistemas partidários democráticos estão debaixo de um forte teste de stress e dão sinal de não aguantarem muito mais tempo assim.

E aqui entramos na dimensão política desta revolução digital.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

A internet e as redes sociais são um ótimo instrumento para aproximar as instituições dos cidadãos que representam. Foi nesse sentido que lançámos, à semelhança do parlamento britânico, o projeto Parlamento Digital.

O problema é que o afastamento em relação à política resulta muito do facto de os cidadãos sentirem que os governos nacionais já não controlam a situação.

Está muito consolidado o sentimento de que votamos em pessoas que não têm já o poder de cumprir o que prometem, já que estão condicionadas por entidades externas internacionais e globais. Foi isto que se passou no Brexit, em parte.

E as redes sociais funcionam como instrumento de disseminação destes sentimentos.

Há aqui uma certa ilusão soberanista, é certo. A soberania nacional reforça-se na partilha, como fazemos na União Europeia.

Mas a vida política não vive só de factos, vive muito de sentimentos, de perceções, e portanto é preciso explicar as vantagens da abertura às pessoas.

As vezes que for preciso e da forma mais eficaz possível.

Explicar, debater, argumentar têm de ser preocupações de todos os dias.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

A política tem horror ao vazio e os populismos nacionalistas estão a ocupar perigosamente esse vazio.

Ao mesmo tempo que é preciso olhar para as redes sociais como uma oportunidade de participação cidadã, também devemos ver nelas o espaço desregulado de desinformação, que ameaça o jornalismo profissional e o debate público racional, dimensões essenciais de uma democracia pluralista.

Desse ponto de vista é muito positiva a preocupação autorreguladora manifestada recentemente pelo CEO do Facebook no sentido de se travar a reprodução de notícias falsas.

E é cada vez mais urgente que as escolas e os currículos escolares incluam cada vez mais estas matérias da cultura digital, porque é aí que se joga hoje a educação para a cidadania.

Caso contrário, a desinformação populista vai continuar a fazer caminho e a minar os alicerces do espaço público democrático.

Finalmente, falemos dos impactos sociais da revolução digital. Estas transformações tecnológicas também têm profundas implicações sociais, na medida em que mudam completamente as relações humanas. Que espaço há para a privacidade e a intimidade, valores essenciais dos Estados de Direito democráticos neste tempo em que vivemos?



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

Como se protegem os dados? Como se protegem os nossos filhos e netos dos riscos das redes sociais e dos fenómenos de bullying digital? Há aqui muita matéria para refletir e muitas soluções para ponderar.

A preocupação deve ser sempre o equilíbrio entre modernização tecnológica e a inclusão social, entre liberdade de expressão e respeito pelos direitos da pessoa humana. Porque as tecnologias avançam mas os nossos valores humanistas e democráticos devem permanecer.

Termino saudando uma vez mais os Senhores Presidentes de Comissões aqui presentes. A Assembleia da República detém o poder legislativo.

Muito obrigado.

Eduardo Ferro Rodrigues